



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



Biblioteca Central Irmão José Otão
César Augusto Mazzillo – Diretor



Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

Autoria José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo
Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação Michelângelo M. M. Viana
João Vitor Hanna de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

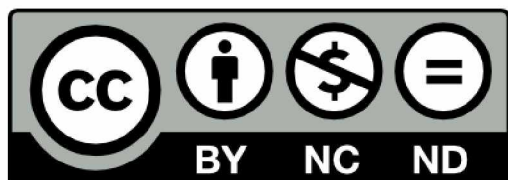
Q1e Qorpo Santo

Ensaiopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.
102 p.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



Título da Obra: Ensaiopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4

Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

Está licenciada sob a licença [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil

Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548

Email: biblioteca.central@pucrs.br

www.pucrs.br/biblioteca

EU SOU VIDA; EU NÃO SOU MORTE.

EM DOIS ACTOS.

PRIMEIRO.

Lindo, e Linda.

LINDA (cantando): Se não fivêres cuidado, do mais belo amor, fque pédes? como pédes
Algun cão danado, áquele que tanto te ama; mais que á própria ca-
Te ha de matar; ma? !
Te ha d'estracallar!

LINDO: Eu sou vida;
Eu não sou morte!
E' esta minha sorte;
E' esta minha lida!

LINDA: Ind'assim, toma sentido!
Vê que é tudo fingido;
Não creias alcun louvôr:
Sabei:—Te trará dôr:

LINDO: Se desrespeitará,
A vida minha?
A d'esse, azinha,
—Ao ar voará!

LINDA: Não te fies, meu Lindinho
Dos qe te fazem carinho,
Crê que te d'ão
Os lobos; enão, não!

Sabei, ó Lindinha:
Os que me maltratão,
A si se matão;
Tu ouves, Anjinha?!

LINDA: Meu Lindo, tu sabes quanto te amo!
quanto te adoro! sim meu querido amigo, quem
melhor conhece, que tu o amor que neste peito
mortal, e as animado por esta alma (pondo a mão
a testa) immortal, te consagros? Ninguem cêr-
tamente! (pegando-lhe na mão): Adôcas-me pois
sempre com tuas palavras; com teus affectos; com
teu amor ainda que fingido!

Sim, meu querido amigo! bafeja-me sempre
com o aroma de tuas palavras; com o perfume de
tuas expressões!

Sim, meu querido, Lembra-te que heí sido
batido, sempre batido das tempestades, que por
cinco ou seis vezes quazi há soçobrado; mas que
por graça Divina ainda viaja nos mares tempes-
tuozos da vida!

LINDO: Ah! minha adorada prenda! tu qe
fostes a ofrenda que me fez o Creador, em dias

LINDA: Ha! ha! ha! meu quiridinho; qu-
anto me deste; quanto me felicitastes com as
maviosas expressões d'esses teus bofes, ou pul-
mões— involtorios dos esrações!

LINDO: Estimo muito. E eu não sabia que
tu tinhas o dom de adivinhar que sempre que vou
apalpar, sinto bater neste peito — pancadas de
ambos os lados; isto é, do esquerdo e direito. l o qe
por certo convence que neste vácuo estreito abri-
go dois grãos corações. l

LINDA: Hh! ha! ha! Eu não digo (A' par-
te) que este figo me foi enviado por cão danado. l
quer me fazer crer que tem dois corações. l

—A ele: Amiguinho; inda não sabes de uma
couza. l queres saber? eu vol-a digo: Em? não
responde. l

LINDO: O que é; o que é, então!!?

LINDA: O'ra o que ha de ser. l é que tu tens
dois corações dentro do estreito peito. l e eu te-
nho duas cabeças por fóra dos largos seios. l

LINDO: Tu és o diabo. l Ninguém pode com
tigo. l és tripa que nunca se enche, por mais qe
dentro se lhe bote. l és vazilha que não choca-
lha. l és... o que eu não quero dizer, porque
não quero que se saiba. l

LINDA: Pois já que me fazes comparações tão
sublimes; eu também vou te fazer huma de que
muito te debes agradar: Sabes qual é? não. l

pois eu te digo: és o diabo em figura de homem!
és... és... (atirando com as mãos, e caminhan-
do de hum para outro lado) és... és. l és! e
então que mais queres?!

Quero comparações mais bonitas; mais fi-
nas; delicadas; e elevadas; ao contrario ficare-
mos — figadaes inimigos. Tem entendido, Sr.
Sultãozinho? Pois se não tiver entendido, en-
tenda. l

LINDO: Bem: Vou fazer-lhe as mais mimo-
zas que á minha imaginação abundante; crescen-
te; e algumas vezes até demente; — ocorrem. l
Lá vai huma:

A Sra é pera que se não come. l

LINDA: E'ssa não presta. l

LINDO (Batendo na testa): E' preciso arrancar
desta cabeça ainda que seja com — algum gancho
de ferro — huma comparação que saptisfaça á esta

mulher; a o contrario é capaz de...

LINDA: E não se demore muito com as suas reflexões. quero a comédia.

LINDO: Qual comédia, nem comédia! o que me comprometi a fazer-lhe foi comparação bonita; e não comédia; espere portanto. (torna a bater na cabeça, mais no craneo. (A' parte): Já que da testa não sabe, vejamos se tiro do craneo! — Ah! sim; agora appareceu huma; e que bela; que interessante; que agradável; que bonita; que delicada; que mimosa—é a comparação que fazer vou da Sr.^a D. Linda. é mesmo tão linda, como ella. tão formosa, como a flor mais mimosa! tão rica, como a jorroza bica! tão fina, como a ignota sina! tão... tão... tão... Quer mais? quer melhor? Não lhe dou; não lhe faço; não quero. (a correr em roda d'ella): Não lhe dou; não lhe faço; não quero; não posso; já dice. (repete duas vezes esta ultima negativa).

LINDA: Este menino é o diabinho em figura humana! dança, salta, pula, brinca... faz o diabo. sim, se não é o diabo em pessoa, ha occasiões em que parece o demonio; emfim, o que tem naquelle cabeça!? (Ele meditava em p... e com huma mão encostada ao rosto) pensa horas inteiras, e nada diz! fala como o mais falador, e nada expressa! come como hum cavador, e nada obra! Emfim, é o ente mais extraordinario que meus olhos tem visto. que minhas mãos tem apalpado. que meu coração tem amado.

LINDO: Sr.^a: vou me embora (voltando-se rapidamente para ella, com aspecto muito triste, e salpicado de indignação): vou; vou; sim. Não a quero ver mais; não sou mais seu.

LINDA (com sentimento): Cruel! tyrano! suisso! lagarto! bixo! feio! mau! onde queres ir? porque não te cazas, inda que seja com huma negra quitandeira?

LINDO: Também eu direi: Cruel! ingrata! má! feia! porque não te ligas ainda que seja a hum preto cangueiro?

(Entra hum rapaz todo paramentado, bengala, oculos, &c.

Para hum, e depois para a outra): Vivão, madamas; mais que todos.

LINDO: (pondo-lhe as mãos, e empurrando): O que quer pois aqui!? não sabe que esta mulher é minha espôza.?

O Rapaz.: Dispense, eu não sabia. (voltando-se para Linda): mas a Sr.^a parece-me...

LINDA: O que mais!? Não ouviu já ele dizer que sou mulher dele!? o que mais quer agora? agora fique solteiro, e vá cazar com huma enchada. Não quer acreditar que não ha direito; que ninguem faz cazo de papeis berrados; que isso são letras mortas. que o que serve; o que vale; o que dá direito—é a aquizição da mulher.!? que quem se pega com huma, essa tem, e tudo o que lhe pertence. sôfra agora no isolamento, e na

obscuridão. seja solitario. viva para Deos. Ou meta-se n'um convento, se quizer companhia. Não vá mais á reunião de outros homens.

Rapaz (muito admirado): Esta mulher está doada! cazou comigo o anno passado, forão padrinhos Trico, e Trica; e agora fala esta linguagem! Está; está! não tem duvida!

LINDO: Já lhe disse (muito formalizado) que fiz esta conquista! agora o que quer? conquistei — é minha! foi meu gosto: portanto safe-se, senão o mato com este estoque! (Pega em huma bengala, e arrancou hum palmo de ferro).

LINDA: Não precisa tanto, Lindo! deixai-o cá com migo... eu basto para nos deixar tranquilos.

Rapaz: O Sr. tem estoque, pois eu tenho punhal, e revolver! (mete a mão na algibeira da calça, puxa e aponta hum revolver): Agora de duas huma: Ou Linda é minha, e triunfa o Direito, a Natureza, a Religião — Ou é tua, e vence a bárbaria, na natureza em seu estado brutal, a irreligião!

LINDA (para o rapaz): Mas eu o não quero mais; já o mandei para o leilão trez vezes. vendi em particular — quinze. já o aluguei oito. e já o libertei, seguramente por dez. não quero nem vel-o, quanto mais tê-lo.

Rapaz (gaguejando, querendo falar, e sem poder):

LINDA: Até a voz de sabiã! lhe tiraram o tanto de gaturama, lhe roubaram. e quer se meter comigo!

Rapaz (fazendo triz... e sem poder... Ah! Medo... mulher! diabo... (diz-se a... revolver cahe no chão... e p... a derramar lagrimas com os braços... hombros della, por espaço de minutos).

LINDO (querendo levantar o revolver, que estava perto do chão do Rapaz; este dá-lhe hum golpe na cabeça):

Safa! Pensei que a mulher já o tinha matado com o abraço, metem-lhe nas entranhas todo o veneno da mais venenosa cascavel, e ella ainda dá ares de vida, e de força pregando-nos a cara a estampa de seus finos pees! É hum monstro que vive!

Bem dizia certo Médico que era capaz de conservar viço hum cavallo depois de morto, por espaço deoitomezes sempre a andar; e cr'io que se a rinxar! — Demo! (atirando com a bengala para o chão) quero mais armas!

(Rapaz e Linda desprendem-se dos braços hum do outro; desce então huma especie de véo de nuvens sobre os dous; Lindo quer abrigar-se tambem, e não pode: chora; lamenta; pragueja; levanta-se rapidamente a nuvem, torna a descer sobre os trez; mas separando aquele.

Quve-se derrepente huma grande trovoadá; veem-se relampagos; todos tremem, querem fu-

gir, não podem; gritam: Pimção Divina! — e ca-
hem prostrados de joelhos/.

(Fim do Acto 1.º)

SEGUNDO

SCENA PRIMEIRA

Huma jovem vestida de negro com hum me-
lha por diante: atravessa hum cavalleiro, ela
para este (correndo): Senhor! Senhor! porquem
sois, dize-me onde estão meu marido! ou meu espo-
zo! o meu amigo!

O cavalleiro embuçado n'hum capote (desem-
buçando-se): Esqueceste que ainda hontem aqui
o assassinastes com os horrores de tuas cruelda-
des!?

Mulher! tu me conheces! sabes quem sou! ou
não sabes?

Pérfida! cruel! ingrata! vê seu marido dian-
te de si, e apresenta-se a ele vestida de negro,
luto que botou por sua morte!

Ella (afastando-o com as mãos, como querendo
fugir): Quem sois vós, ingrato! que assim me
falais!?

Elle: Ainda perguntas; — sacudindo a cabeça
— ainda respondes! quem sou eu? desconheces o
Lindo teu affectuoso consorte! e ainda pergun-
tas!?

Ella: Tirano! fuge de minha presença!
despresastes os meus conselhos, não quizestes
ouvir-me, e queixas-te! bárbaro! cruel! eu não
te disse que te não fiasse de pessoa alguma!?

Elle: E tu, Maga Circe; para que me illudis-
tes! para que me dicestes que éras solteira, quan-
do é certo eras cazada com o mais belo rapaz!?

Ella: Eu... eu... não digo: mas... você... não
ignorava: bem sabia que eu era mulher
de seu primo! ignorava? penso que não! para
que me botou fora! para que me procurou!

Elle: Não sei onde estou, não sei onde me
acho, não sei o que faço! Esta mulher (atirando-
se, como para agarrar-a) é o demão em pessoa: é o
ente mais admiravel que eu tenho conhecido! é
capaz de tudo! já não digo de revolucionar hum
provincia, de pôr em armas e mesmo de destruir
hum Imperio! Mas de revolucionar o mundo, de
fazer de converter os grãos em terras e as ter-
ras em lagoas, de, se tal tentasse, fazer do globo que
habitamos — peteca!

Ella: E' muito exagerado! que atrevido
conceito de mim forma! que audacia! nem ao
menos quer ver que fala diante de hum irmã de
9 a 10 annos!

Elle: Que fazeis por estas paragens, onde não
vos é mais dado vir, porque já vos não perten-
cem!?

Ella: (com ar satirico e mordaz): Procuro-

vos; cruel!

Elle: Sim; procuras-me para de novo cravar-
me o punhal, da traição! E's bemma... és mui-
to má!

A Menina: Papai! (aproximando-se d'elle)
que tem? está doente? me conte; — o que lhe
aconteceu? o que foi? diga Papai! diga! diga! eu
ó curo, se estiver doente. E se não estiver, a
Mamã hade o curar!

Elle (tomando a menina nos braços; abraça-
do-a beijando-a):

Minha querida filha! quanto adôção a minha
existencia tuas tétnas, e maravilhosas palavras!
quanto transformam os furores de meu coração,
as doçuras de tuas meigas expressões! quanto
apraz me ver-vos!

Ah! Sim; tú és o fruto de hum amor... Sim
és! tua mãe sem que eu o soubesse depois cazou;
procurou juntar-se a mim... illudiu-me! Mas
querida filha! Sinto hum dôr neste peito! (des-
prendendo-se da filha) este coração parece tras-
passado de dôr! est'alma, repassada de amargu-
ra! este corpo, hum composto de martirios! Cé-
os... (arrancando os cabelos) — eu tremo! vaci-
lo!...

A mulher: Célebre couza! quem havia de
supor que este pobre homem havia de ficar no
mais deploravel estado! seu juizo é nenhum!
sua vista... não tem; é cego! seus ouvidos,
não tem timpanos; já não são outra couza mais
que dois formidaveis buracos! que hei de eu fa-
zer dele!?

(Entra o Rapaz armado, vestido a militar, e
com a mão no punho da espada)

Rapaz: Hoje decidiremos (A' parte) quem é o
Sr. desta mulher, embora esta filha fosse fabri-
cada pelo meu rival: (desembainha a espada, e
pergunta para o rival):

A quem pertence esta mulher? a ti que a rou-
bastes... que lhe destes esta filha? ou a mim que
depois com ela liguei-me, pelo Sangue; pelas
Leis civis e ecclesiasticas ou de Deos, e dos ho-
mens!?

Fala! responde! ao contrario, váro-te com
esta espada!

Lindo: Ela quiz; e como a vontade é livre não
podeis ter sobre-ela mais direito algum!

Rap: Em tal caso... e se ela amanhã dicer
que não quer? e se o mesmo fizer no seguinte dia
para com outro!

Onde está a ordem! a estabilidade em tudo
que pode convir ás familias, e aos estados!?

Lindo: Não sei: o que sei é que as vontades
são livres; e que por isso cadaqual faz o que
quer!

Rap: Pois como as vontades são livres; e
cada qual faz o que quer: como não ha leis! ór-
dem! moral! religião!

Eu também farei o que quero. l e porque esta mulher, não me pode pertencer enquanto tu existires, — váro-te com esta espada. l (atravesando-o com a espada; fha apparecia de sangue.)

Jorra o teu sangue em borbotoes. l exaustó o corpo, exausta a vida. l e com ella todas as tuas futuras pretensões, e ambições. l

Mórte (gritando, e arrancando a espada) cruel. l e a tua morte será hum novo exemplo — para os Governos; e para todos os que ignorão que as espadas se cingem; que as bandas se atão; que os galões se pregão; não para calcar; mas para defender a honra, o brio, a dignidade, e os interesses das Famílias. l

A honra, o brio, a dignidade, a integridade Nacional. l

(Lindo cabe sobre hum cotovelo; a mulher cobre-se com hum véo e fica como se estivesse morta; a menina olha admirada para tão triste espectáculo). l

O Rapaz (voltando-se para a mãe e a filha):

De hoje em diante, Sra., quer queira, quer não, serás minha mulher, consorte, espôza. l e tú minha querida menina, continuarás a ser a mimoza dos meus olhos, a flôr que me aromatiza; a santa que me diviniza. l

Eis como Deos ajuda a quem trabalha. l

Depois de milhares de trabalhos, incomodos, perdas, e perigos. l depois de centenas de furtos; roubos; e as mais negras atrocidades. l Depois de huma infinidade de insultos; penas; crueldades; o que não pôde vencer, ou fazer triumphar com a penna; razões; discursos; acabo de fazel-o com a espada. l

(Estende esta; e assim deve terminer o Segundo Acto; e mesmo findar a comédia que mais parece — Tragédia). l

Maio 16 de 1866.

Por José Joaquim de Campos Leão Qorpo-santo.

Já se vê pois que a mulher éra cazada, foi antes desflorada, depois roubada ao marido pelo desflorador, &c, que passado algum tempo encontrou-se, e juntou-se a este; que o marido sentou praça como official; e finalmente que para reaver sua legitima mulher, foi-lhe mistér dar a morte phyzica ao seu primeiro amigo, ou roubador.

São portanto as figuras que nela entrão:

Lindo, — roubador.

Linda, — mulher roubada.

Rapaz ou Japegão, — legitimo marido.
Manoelinha, — filha.